caracterizadamente de aperto no abastecimento interno de carnes. Em primeiro plano, sedimenta-se a perspectiva de prolongamento, nos próximos dois anos, da atual fase de retração na oferta de bovinos para abate, estimulando diretamente o mercado de carnes substitutas. Em função de seu menor ciclo produtivo, espera-se, da avicultura, um expressivo desempenho na atenuação do déficit de proteína animal no mercado. No entanto, a exploração avícola no Brasil encontra-se atualmente comprimida, não só pela crescente pressão dos preços das rações sobre seus custos, como também pela escassez de matérias-primas como o milho.

Até o momento (julho 78), não existem indícios concretos quanto ao desempenho final do setor avícola em 1978. Pode-se, em parte, associar seu nível de produção ao montante e à eficiência na distribuição do milho que será adquirido no mercado externo até o final do ano. Dentro de um contexto em que não ocorram excessivos estrangulamentos no abastecimento de matérias-primas para a formulação de rações, a produção brasileira de carne de frango poderá expandir-se aproximadamente 15% sobre 1977, captando internamente algum benefício da conjuntura altista no mercado de carne bovina e aumentando sua fatia no mercado internacional.

Quanto ao mercado externo, a meta inicial de se exportar em 1978 um total de 67,2 mil t (8% do comércio mundial) foi gradativamente afastada pelo intervalo menos otimista de 50 - 55 mil t, ao reforçarem-se as previsões de uma conjuntura internacional relativamente desfavorável às nossas exportações. Embora os EUA, Japão, CEE e Canadá estejam inseridos num quadro de crescentes importações líquidas de carnes (em especial pelo fraco desempenho da produção de carne bovina nestes países), é esperado um crescimento de 4,8%, em 1978, na produção mundial de carne de aves, com a Comunidade Econômica Européia ampliando seu excedente exportável e, por conseguinte, envidando maiores esforços para a colocação de seu produto (subsidiado) nos mercados compradores. A conseqüente queda nos preços internacionais se confrontará com o crescente custo da produção brasileira, resultando em incômoda posição para o exportador nacional. Assim, será conveniente uma reformulação na atual política de incentivos ao setor, criando condições de, inclusive, ampliar a diversificação das exportações brasileiras de frangos para os mercados da África e da América Latina.

Algodão

OS EFEITOS ESPECULATIVOS DA SECA

A seca que atingiu os Estados do Centro-Sul do país no início deste ano, reduziu a colheita da safra meridional brasileira 77/78 a somente 300 mil t, frustrando as previsões iniciais que a situavam em torno de 400 mil t. Apesar do nível dos estoques à época da colheita (cerca de 150 mil t), os preços do produto eleveram-se em 44% entre nov/77 a mai/78 em resposta às ações especulativas desencadeadas pela quebra de safra.

O produtor, tentando resguardar-se dos prejuízos causados pela seca, limitou sua oferta, forçando a elevação do preço do algodão em caroço, que chegou a ser cotado a Cr$ 130,00/@. Os maquinistas, por sua vez, repassaram ao pluma, o aumento no custo da matéria-prima e os prejuízos causados por uma maior capacidade ociosa de suas máquinas, motivada pela reduzida oferta do mercado. Nesta época, algumas indústrias têxteis, temendo que a oferta global não fosse suficiente, adiantaram-se na compra do pluma, objetivando assegurar-se contra uma possível escassez, através da formação de estoques. Na verdade, a oferta brasileira deste ano — 640 mil t — (incluíndo os estoques remanescentes,e a safra meridional) é mais que suficiente para satisfazer a demanda industrial — cerca de 420 mil t. A quebra de safra, na verdade, provocou uma escassez temporária, para qual outros fatores como a elevação do subsídio à exportação de 20 para 28%, e prorrogação do prazo de liquidação dos EGF da safra passada, também contribuíram de forma marginal.

TENDÊNCIA DOS PREÇOS ATÉ O PLANTIO 78/79

Em relação ao plantio da safra meridional 78/79, o comportamento dos preços até meados de setembro — quando se inicia a semeadura — apesar de não explicar completamente as possíveis variações da área, desempenha papel ponderável sobre a formação das intenções de plantio.

A partir de meados de julho, as indústrias têxteis iniciaram a recomposição de seus estoques. Adicionalmente, a reintrodução do subsídio à exportação do pluma — na verdade, o governo não confirmou a sua suspensão — e a escassez de tipos finos resultante da seca do início do ano, deverão provocar um ligeiro aumento nos preços. Entretanto, estima-se em 100 mil t o excedente do produto até a entrada da safra setentrional, o que deverá minimizar os efeitos daqueles fatores de aquecimento da demanda sobre o nível de preços.

Tradicionalmente, a entrada da safra setentrional, coincidindo com o início do plantio na região meridional, tem o efeito de desaquecer os preços num período crucial para a formação das intenções de plantio nos Estados do Sul. Esse ano, no entanto, a recente divulgação do novo preço mínimo para o pluma nordestino, elevado em 29,4%, deverá anular esse efeito.

Estimando-se que o preço interno eleve-se ao nível de Cr$ 390,00/@ — que corresponde, em algodão em caroço, a Cr$ 130,00/@ — o produtor poderia, no máximo, elevar um pouco a área plantada para 78/79. No ano passado, quando o preço se situou em Cr$ 105,00/@ — a preços de jun/78 — os cotonicultores reduziram a área plantada por considerarem este preço não remunerador.

PREÇO MÍNIMO: VARIÁVEL RELEVANTE

Entretanto, não é só o preço de mercado o único fator a influenciar a decisão de plantio do produtor. De 76/77 para 77/78, a área plantada com a malvácea na região meridional retraiu-se em cerca de 10%

em conseqüência, basicamente, da queda dos preços internos, cuja perda real foi de 43%. Entretanto, a ação do governo impediu uma retração mais acentuada na área plantada ao aumentar os preços mínimos do algodão em 28,5%. Por esta via, elevou a disponibilidade de crédito de custeio e de EGF para a cultura, diminuindo o desestímulo ao produtor.

Para este ano, com o possível aumento da taxa de juros de empréstimo para custeio, atualmente em torno de 15% a.a. , espera-se que o governo conceda preços mínimos mais generosos. Um aumento de 32% a 37% pode ser considerado razoável, pois contribuiria para, ao menos, sustentar a atual gravosidade da exportação da pluma (por volta de 36%). Acrescente-se a isso, o fato de que a indústria têxtil, já esperando um nível de aumento nesta faixa, provavelmente não tomaria qualquer atitude adversa, que viesse a prejudicar o escoamento do produto. Entretanto, a ser efetivado este incremento, o produtor estaria, em termos reais, recebendo praticamente o mesmo preço pela arroba de algodão que colocasse em EGF, bem como um igual montante de financiamento de custeio em relação ao ano passado. Portanto, se é de interesse do governo estimular o plantio e a produtividade da cultura de algodão, tanto a expectativa de manutenção da atual gravosidade, como a dos industriais serão frustradas por um possível aumento do preço mínimo, superior a 38%.

FATORES CONDICIONANTES À EXPANSÃO DE ÁREA

A partir de 1972, a cultura de soja no Brasil tem concorrido, com vantagem, nas áreas de produção de algodão, principalmente no Sul do país. Ainda que em termos de preços de mercado a soja desfrute atualmente de uma posição mais competitiva — tendência que deverá persistir até meados de setembro — existe um fator extremamente limitante à substituição — a especificidade tecnológica. A maioria dos produtores de algodão não é, também, sojicultor. Como a produção de soja é intensiva em capital e o aluguel ou custo de aquisição de uma máquina colhedeira para a soja, ainda que subsidiado, é bastante elevado, a possibilidade de substituição fica muito restrita.

Também em relação ao milho que, em algumas regiões, concorre em área com o algodão, parece improvável, no entanto, ocorrer substituição, em decorrência dos elevados preços atualmente praticados. Se, por um lado, as importações brasileiras do cereal, praticadas em 1978, deverão entrar em mercado inclusive à época do plantio, por outro, os elevados preços praticados no decorrer do ano, devem ter o efeito de anular os desestímulos ao produtor oriundos em uma possível redução de preços à época do plantio.

Na disponibilidade de insumos e fatores de produção, não se vislumbram problemas que possam vir a se tornar empecilho ao plantio de algodão. O mercado de fertilizantes depara, hoje, com um estoque expressivo do produto. A quantidade de sementes selecionadas parece ser suficiente para abastecer o mercado, cabendo registrar a boa disponibilidade da nova variedade IAC-17, que propicia rendimento

30% superior a IAC-13.

A mão-de-obra para a colheita, componente de maior peso no custo de produção, não deve constituir problema. A remuneração do catador vem se mantendo constante há duas safras, apesar da escassez que ocorre no último mês de colheita do produto, resultado do deslocamento da mão-de-obra para a lavoura do café.

O quadro descrito sugere, portanto, que a área plantada do algodão meridional para 78/79 permanecerá estável ou se elevará pouco, sem alcançar, porém, os níveis de 76/77 (775 mil ha).

TENDÊNCIA DOS PREÇOS INTERNACIONAIS

Ainda que a participação das exportações de algodão em pluma no total produzido pelo país venha se reduzindo sensivelmente no período 73-77 — a receita cambial do produto caiu de US$ 315 milhões para US$ 41 milhões (dólares de 77) —, a colocação do produto no mercado internacional é também variável relevante para a decisão de plantio do produtor. Faz-se necessário, portanto, analisar a tendência dos preços internacionais em contraposição aos preços internos e observar até que ponto a gravosidade seria empecilho ao escoamento internacional do pluma brasileiro.

São vários os fatores que levam a prognosticar tendência estável nos preços internacionais até o início do plantio meridional brasileiro. Com respeito ao suprimento mundial, o ano safra 77/78 iniciou-se com os estoques situando-se nos níveis mais baixos dos últimos 14 anos - 19,6 milhões de fardos. Tal fato contribuiu para que os preços internacionais alcançassem níveis elevados antes do plantio do Hemisfério Norte (abr/mai). Entretanto, a demanda mundial tem-se mostrado insuficiente para absorver o total produzido em 77/78 - 65,2 milhões de fardos - em decorrência da lenta recuperação econômica mundial e da competição com as fibras sintéticas, que hoje se apresenta mais acirrada devido à cartelização das indústrias japonesas e européias no intuito de eliminar a capacidade ociosa existente em suas fábricas. Em virtude disso, os preços começaram a apresentar contínua queda, levando a uma expectativa generalizada de redução na produção mundial, estimada pelo USDA em cerca de 4% para 78/79.

Devido à queda dos preços internacionais da fibrosa, mormente dos tipos norte-americanos, era de se esperar que as exportações se revigorassem. No entanto, a incerteza quanto ao novo plantio do Hemisfério Norte (principalmente dos EUA e URSS) levou os maiores consumidores mundiais de algodão (Europa e Japão) a se acautelarem formando estoques do produto. Paralelamente, a divulgação do último prognóstico do plantio norte-americano, baseado nas indicações de primeiro de junho, frustrou as expectativas de elevação dos preços internacionais, pois se situou acima do esperado. A área plantada para a qual se esperava uma redução de 10%, se revelou apenas 3% inferior à área semeada em 77. Adicione-se, também, o fato de que o excedente mundial de 4 milhões de fardos deve elevar o *carry over* em primeiro de agosto (data da abertura da safra 78/79) para cerca de 23 milhões de fardos, nível considerado suficiente para neutralizar qualquer pressão altista sobre os preços. Estes fatores bastaram para

deprimir as cotações em meados de junho, para entrega no período correspondente ao início do plantio meridional brasileiro.

Se, no entanto, o preço em setembro no mercado futuro para o primeiro mês de entrega (out/78), alcançar 62¢/lb e o preço interno permanecer em torno de Cr$ 390,00/@, como anteriormente estimado, a gravosidade poderá se reduzir de 36% para 28%. Neste período — julho a setembro — o algodão brasileiro deverá desfrutar de boa procura, não só por atravessar o Hemisfério Norte o período de entressafra, mas também pelo atual subsídio concedido à exportação do produto brasileiro (28%), eliminando o hiato atual entre os preços internos e internacionais (a menos do subsídio).

A partir de setembro, com a entrada da safra do Hemisfério Norte e a perspectiva de lenta recuperação da demanda industrial pela matéria-prima, será contida qualquer nova tendência de elevação dos preços. Desta forma, ao longo do atual ano agrícola, o produtor brasileiro poderá desfrutar de uma situação de mercado internacional semelhante à prevista até o início do plantio 78/79. Assim, a exportação de algodão não deverá ultrapassar 50 mil t, até o final da safra 78/79. O ***carry-over*** (170 mil t) será, por outro lado, um fator que propiciará a estabilidade interna de preços, como já discutido anteriormente.

O COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL

Resta discutir como será o desempenho da indústria têxtil e da indústria de subprodutos do algodão face ao comportamento do mercado algodoeiro. A indústria têxtil, a partir do segundo semestre de 77, vem enfrentando uma série de graves problemas. Além do estreito poder aquisitivo da população, o inverno do ano passado não acusou baixas temperaturas, favorecendo uma elevação dos estoques de roupas, principalmente de artigos de malha de algodão. Já no início deste ano, temendo uma possível situação de escassez da matéria-prima decorrente da seca, alguns industriais se anteciparam na compra do produto. Adicionalmente, o financiamento concedido pelo governo no início do ano às indústrias têxteis para a aquisição de matéria-prima, foi oferecido a juros maiores do que o esperado, e o prazo, reduzido de três meses para um mês e meio. Estes fatos resultaram na elevação do custo operacional das indústrias têxteis, motivando o pedido de ***draw-back*** de algodão. Entretanto, tendo em vista o excedente de pluma existente no mercado interno, não caberia atender a reivindicação dos industriais e tampouco retirar o subsídio à exportação do produto nacional, como forma de substituição ao pedido de ***draw-back***.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelo setor, o comportamento das exportações nos primeiros meses de 1978 mostrou-se auspicioso. De janeiro a abril, foi obtido um incremento de cerca de 64,8% na quantidade exportada de roupas de cama, mesa e banho; 16% em tecidos de algodão; 20,9% em vestuário de tecidos, e 32,1% em fios de algodão. O item tecidos e artigos de malharia e ponto de meia teve desempenho negativo (-26,4% em quantidade e -24,4% em valor) apesar de ser o setor industrial que mais recebe incentivo e subsídios à exportação.

Entretanto, a ***performance*** apresentada pelos principais itens que compõem a pauta de exportações de têxteis, não deverá persistir durante o segundo semestre desse ano. O protecionismo praticado por nossos principais compradores de têxteis parece tornar-se cada dia mais acentuado. Recentemente, alguns membros da CEE solicitaram a prorrogação do Acordo Multifibras, renovado por 5 anos no final de 1977, para mais 5 anos. Os EUA ameaçam impor taxas compensatórias a partir de jan/79, caso a apuração do inquérito sobre a violação da lei de compensação fiscal seja comprovada. O Brasil, um dos países indiciados, corre sérios riscos de ver seus produtos têxteis sobretaxados, por conceder incentivos e subsídios à exportação.

Internamente, o desempenho da indústria têxtil nacional parece mais promissor este ano, no que se refere à comercialização. Assim, o ramo de fios de algodão tem obtido níveis crescentes de faturamento, já que as baixas temperaturas registradas nos últimos dois meses facilitaram o escoamento de parte do estoque remanescente de roupas de inverno. No entanto, a crise de liquidez que atualmente atravessa o setor industrial, aliada à queda no poder aquisitivo da população, tem levado o setor a operar com capacidade ociosa, principalmente as empresas médias e pequenas. Assim, parece que a ***performance*** do setor apresentará este ano leve recuperação em relação ao ano passado, possibilitando às indústrias têxteis adquirirem o algodão acima de suas necessidades imediatas, mas não o suficiente para proporcionar um dinamismo maior no comércio da matéria-prima.

A INDÚSTRIA DE SUBPRODUTOS DE ALGODÃO

Quanto às indústrias de óleo e farelo de algodão, sua importância está mais associada ao produtor nordestino, haja vista que o consumo de seu principal produto (óleo de cozinha) é maior no Nordeste, que na região meridional do país, onde o óleo de soja absorveu, nos últimos anos, parte substancial do mercado de óleo de algodão. Entretanto, a quantidade de caroço produzido na região é inferior à capacidade de esmagamento das indústrias locais, impossibilitando-as, portanto, de processar o volume potencial de suas plantas, sem recorrer ao produto do Sul do país. O baixo rendimento da cultura nordestina não propicia acréscimos expressivos na quantidade produzida, o que garante às indústrias de óleo do Sul o alargamento de seu mercado. Isto efetivamente ocorre na medida em que o excedente da demanda nordestina por óleo ou margarina é atendido via importação de óleo bruto ou mesmo refinado do Sul do país, contribuindo, ainda que marginalmente, para cristalizar o atual estado de estagnação da cotonicultura nordestina.

Quanto ao plantio setentrional que ocorrerá somente em meados de abril, qualquer previsão, atualmente, reveste-se de caráter prematuro. No entanto, o imobilismo que caracteriza as culturas permanentes, aliado ao pequeno número de culturas substitutas no plantio, faz com que as condições de mercado normalmente se reflitam apenas sobre o volume dos investimentos para custeio e não em significativas variações de área.

A ÁREA PLANTADA PODERÁ APRESENTAR LEVE AUMENTO

Feitas as considerações necessárias, parece provável que a área plantada com algodão no Sul do país para 78/79, permanecerá estável ou, no máximo, apresentará leve expansão, salvo acontecimentos extemporâneos. Em decorrência, a produção brasileira deverá ultrapassar as 490 mil t (de pluma) alcançadas neste ano, a despeito da tendência de queda de rendimento da produção setentrional que, por mais algum tempo, ainda persistirá.

Soja

ATUAÇÃO GOVERNAMENTAL NUM ANO ATÍPICO

O ano de 1978 será marcante na história da sojicultura brasileira. Pela primeira vez, desde que iniciou sua escalada até alcançar a segunda colocação entre os produtores mundiais da leguminosa, o Brasil não apresentou incremento em sua oferta ao mercado internacional. As preocupações governamentais com o impacto derivado deste recuo, que afetou negativamente o produto responsável pelo ingresso líquido de US$ 2 bilhões em 1977, manifestaram-se através da pronta intervenção sobre a comercialização do complexo soja.

As principais decisões governamentais, ao longo dos últimos meses, vêm refletindo os informes sobre a redução da safra e inserindo-se numa política global de preservação do poder de compra do consumidor interno. A evolução da atuação estatal ocorreu como se segue:

— em 19/1/78: reabrem-se os registros de exportação, até 50.000 t de farelo e 15.000 t de óleo, da safra de 1977. Iniciava-se a colheita e confirmavam-se os prognósticos de baixa produtividade;

— em 28/2: os maus resultados obtidos nas primeiras lavouras colhidas já desenhavam o contorno de uma vultosa frustração. Para impedir a ampliação da ociosidade do parque de moagem foram autorizadas as importações de grãos. Favorecidas pela eliminação da exigência do depósito prévio, as compras no exterior atingiram o total de 86 mil t, as quais, agregadas ao estoque remanescente de 1977, representam um aporte de 580 mil t à oferta de grãos deste ano;

— em 3/3: a necessidade de assegurar o abastecimento doméstico, diante da certeza de menor disponibilidade de grãos levou ao fechamento dos registros de exportação de óleo de soja, da safra de 1978;

— em 8/3: passam a ser submetidos à consulta prévia à CACEX, por 48 horas, os registros de exporta-